

Literatura e fanatismo religioso*

Literature and Religious Fanaticism

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO**

PALAVRAS-CHAVE: Anti-Semitismo, Humanismo, Amato Lusitano, Anti-Protestantismo, Jesuítas.

KEYWORDS: Anti-Semitism, Humanism, Amato Lusitano, Anti-Protestantism, Jesuits.

A área da minha especialização e pesquisa, conjuntamente com os pendores do meu gosto pessoal, têm-me levado a debruçar-me acima de tudo sobre o século XVI, época dos conflitos religiosos mais agudos que a Europa conheceu nos últimos séculos. Ocupar-me-ei aqui de obras não explicitamente consagradas à polémica religiosa, que versei alhures abundantemente, mas a textos em que a religião condiciona, ou parece primariamente condicionar, a abordagem dos temas.

Procurei, por um lado, autor ou tema de alguma maneira relacionável com a Universidade de Aveiro,¹ e, por outro, escritor menos conhecido, pertencente a um grupo de autores que tenho procurado resgatar do esquecimento a que

* O texto que vai ler-se é na essência o que serviu de base à comunicação que fiz em Aveiro, subordinada ao tema que serve de título a este artigo, e integrada na série *Literatura & Etc.*, organizada e patrocinada pela Universidade de Aveiro, e em anuência ao amável convite formulado pelo meu prestante colega e amigo o Professor Doutor António Andrade. Como facilmente se compreende, o tratamento do tema e a linguagem amoldam-se ao público diversificado e às especificidades da oralidade que tivemos em mira respeitar.

** UFAM (Universidade Federal do Amazonas), Manaus, Brasil.

¹ Circunstância que se verifica com o primeiro dos autores de que aqui me ocuparei, Pietro Andrea Mattioli, pois foi no âmbito do Projeto de I&D «Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano», do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, que me abalancei à tradução da *Apologia aduersus Amathum Lusitanum*, cuja publicação está prevista para breve.

os votou a língua que usaram e a escassa popularidade moderna do instituto religioso a que pertenceram: refiro-me à Companhia de Jesus.

Tendo em conta que hoje, pelo menos no âmbito cultural a que pertencemos, o papel predominante que em outras épocas coube à vivência religiosa foi substituído pela paixão política, gostaria de começar, antes de entrar propriamente em matéria, pela demonstração e exemplificação da óbvia verdade de quão nefasta e comum é a incursão de grandes artistas da palavra pelos domínios da ação política direta (e a referência a este domínio justifica-se pela predominância que esta adquire nos contextos mais ou menos democráticos dos últimos dois séculos) mediante a mesma palavra em função literária. Para evitar a sempre odiosa referência a factos e autores da nossa história mais ou menos recente, citarei, recorrendo à rica literatura dos nossos irmãos peninsulares, um caso simbólico e paradigmático, porque envolve dois grandes poetas, irmãos pelo sangue e, em certa fase da vida, também colaboradores em várias obras teatrais escritas de parceria. São hoje, porém, mais conhecidos como poetas: um deles muito mais que o outro, pelo seu mérito intrínseco, sem dúvida, mas, também sem dúvida, porque abraçou uma causa, política e militarmente vencida, mas mais popular nos meios intelectuais ocidentais. Falo de Antonio e Manuel Machado e dos sonetos que cada um deles consagrou a personagens que celebraram como heróis das causas opostas que ambos os irmãos defenderam e se defrontaram na Guerra Civil Espanhola. Ambos os *heróis*, chamemos-lhes assim, notabilizaram-se como cabos de guerra dos exércitos que militarmente se defrontaram, mas colateralmente às ações militares foram responsáveis diretos pela morte de muitos civis comprovadamente inocentes: mortes que ambos assumiram publicamente e pelas quais nunca mostraram arrependimento, motivo que me permite referir essas ações, para mim criminosas, sem receio de incorrer na grave pecha de calúnia de ausentes.

É certo que embora o meu propósito, consignado no título desta palestra, seja falar do fanatismo religioso, acho que, para o desígnio que visio, que é mostrar a instrumentalização da literatura para um propósito que não o literário, este exemplo serve, para mais dando-se o caso que estas composições assumem um registo imagético e uma linguagem religiosa, mais claramente é certo no seguinte soneto, que Manuel Machado publicou em 1938, e a que deu o título de

Francisco Franco

Caudillo de la nueva Reconquista,
Señor de España que en su fe renace,
Sabe vencer y sonreír, y hace
Campo de paz la tierra que conquista.

Sabe vencer y sonreír. Su ingenio
Militar campa en la guerrera gloria
Seguro y firme. Y para hacer la Historia,
Dios quiso darle mucho más: el genio.

Inspira fe y amor. Doquiera llega
El prestigio triunfal que lo acompaña,
Mientras la Patria ante su impulso crece,

Para un mañana, que el ayer no niega,
Para una España más y más España,
¡La sonrisa de Franco resplandece! (Machado, 1938, pp. 43-44).

No mesmo ano de 1938, e dirigida a Enrique Lister, que pelos vistos lle enviara una carta desde a fronte de combate, escribiu Antonio Machado o soneto seguinte:

A Lister, jefe en los ejércitos del Ebro

Tu carta – oh noble corazón en vela,
Español indomable, puño fuerte –,
Tu carta, heroico Lister, me consuela,
De esta, que pesa en mí, carne de muerte.

Fragores en tu carta me han llegado
De lucha santa sobre el campo ibero;
También mi corazón ha despertado
Entre olores de pólvora y romero

Donde anuncia marina caracola
Que llega el Ebro, y en la peña fría
Donde brota esa rúbrica española,

De monte a mar, esta palabra mía:
“Si mi pluma valiera tu pistola
De capitán, contento moriría.” (Machado, 1958, p. 260).

E a verdade é que a «pluma» de Machado valia muitíssimo mais que a pistola de Líster, pois hoje todo o mundo medianamente culto conhece o poeta sevilhano, e só os eruditos historiadores da guerra espanhola sabem quem foi o general Líster. Claro que ambos os sonetos são retóricos,² de escassa ou nula valia literária, e quase poderiam mutuamente trocar os nomes dos respectivos destinatários sem grande perda da mensagem de mera propaganda e enaltecimento dos chefes militares visados.

Recuemos agora ao século XVI e vejamos como o preconceito religioso e racial, de par com a soberba académica, podem distorcer o rigor nas ciências mais aparentemente isentas de motivações ideológicas ou nacionais. E, como vou falar de um homem de ciência, convém desde já deixar assente que, na pegada da tradição latina, a literatura técnica e científica, em grande parte produzida na Europa em latim até ao dealbar do século XVIII, escreve-se de acordo com normas retóricas, à diferença da de hoje: era um produto literário, no sentido em que se elaborava com preocupações também literárias, ou seja, uma «vontade de estilo» que exige da parte do moderno tradutor um especial cuidado quando verte estes textos técnico-científicos. Eram muito raros os escritos com propósito científico em que o autor não vazava os conteúdos numa forma intencionalmente adscrita a cânones e modelos literários: dos inúmeros autores de que me tenho ocupado, sobretudo como tradutor, a única exceção é o matemático português Pedro Nunes, cujo estilo latino é de um frio despojamento e objetividade totalmente modernos.³

Entremos agora propriamente em matéria e fixemo-nos no ano de 1558, aquele em que o médico e botânico italiano Pietro Andrea Mattioli publicou em latim um livro de polémica científica contra o português João Rodrigues de Castelo Branco, mais conhecido pelo nome literário e científico de Amato

² Olhando para estas composições versísticas como exercícios de mera retórica, parece-me até que o poema de Manuel leva vantagem ao do irmão, pelo maior acerto vocabular e fácil desempenho no contínuo uso do *enjambement*.

³ Entre 2002 e 2010 a Academia das Ciências de Lisboa, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian, levou a cabo em seis volumes a publicação das *Obras* do grande matemático quinhentista, sendo da minha autoria a tradução da porção mais nutrida da parte em latim do legado científico de Nunes.

Lusitano, também médico e botânico.⁴ Antes de mais, convém dizer que ambos se integram no grupo humano que o século XVI nos ofereceu e é de uso designar-se por médicos humanistas, ou seja, homens que, além de se terem consagrado com proficiência ao estudo de um ou ambos os idiomas clássicos, exerceram influência grande e por vezes benéfica sobre a sua profissão e as ciências «afins» ou subsidiárias. Eram geralmente varões de cultura variegada e ampla, cujos interesses intelectuais se centravam sobretudo na medicina, na literatura e na então chamada história natural.

Pietro Andrea Mattioli

Pietro Andrea Mattioli foi o mais famoso comentador quinhentista do clássico *De materia medica*, do grego Dioscórides. Teve como berço a cidade de Siena, onde nasceu em 1501, e graduou-se em Medicina em Pádua, em 1523. A partir de 1527 passa a viver nas regiões de Trento e Gorizia. Em 1544 publica em Veneza a 1.^a edição da sua obra de maior nomeada: *Di Pedacio Dioscoride Anazarbeo Libri cinque Della Historia, et materia medicinale tradotti in lingua volgare italiana*, mais popularizada pela designação de *Discorsi sull' opera di Dioscoride*, que é na realidade a versão italiana da obra de Dioscórides, acompanhada de riquíssimos comentários. À terceira edição desta obra, também veneziana, publicada em 1550, segue-se a edição latina, *apud Antonium Vincentium*, Veneza. Em 1555 Mattioli transfere a sua residência para Praga, onde exerce o cargo de médico do arquiduque Fernando, filho segundo do imperador seu homónimo. Em 1571 muda-se para Trento, cidade onde morre, vítima da peste, em janeiro ou fevereiro do ano de 1578.

Como se sabe, entre os comentadores quinhentistas de Dioscórides cabe um lugar honroso ao albicastrense João Rodrigues, que no mundo das letras adotou o nome de Amato Lusitano. E se esse lugar durante alguns séculos lhe foi injustamente disputado ou, pelo menos, acintosamente obscurecido, tal parece dever-se em grande parte à má vontade e modo ultrajante como o tratou alguém, como Pietro Andrea Mattioli, que na sua época gozou de grande prestígio científico e não menor valimento nas altas esferas da política e da religião católica.

⁴ Uma abordagem crítica mais detalhada da diatribe anti-Amato de Pietro Andrea Mattioli pode ler-se no meu artigo «Ciência e Preconceito: o ataque de Pietro Andrea Mattioli a Amato Lusitano», publicado em *Humanitas*, 65 (2013) 161-186.

Amato, saído de Portugal em torno de 1533, estabelece-se primeiro em Antuérpia, onde publica três anos volvidos a sua obra de estreia: *Index Dioscoridis*. Em 1553 oferece ao público, impresso em Veneza por Gualtiero Scoto, o fruto maduro das suas investigações: *In Dioscoridis [...] de materia medica libros quinque Enarrationes*. [«Comentários aos cinco livros de Dioscórides acerca da matéria médica»]. Na dedicatória desta obra, entre outros estudiosos de que se reconhece devedor, não deixa de citar, no f. V: *Matthiolum Senensem, uirum doctissimum: qui nuper Dioscoridem e Latino ethruscum reddit, et illum commentariis illustravit*. [«Mattioli, de Siena, varão muitíssimo sábio que recentemente traduziu Dioscórides de latim para italiano e o esclareceu com anotações.»] Apesar destes dizeres lisonjeiros, no corpo da obra de Amato encontramos pelo menos vinte e oito referências ao nome de Mattioli que orçam pelo teor seguinte: *Matthioli Senensis error* [«Erro de Mattioli, de Siena»]; *Matthiolus Senensis fallitur* [«Mattioli, de Siena, engana-se»]; *Matthiolus in distinguendo negligens* [«Mattioli pouco cuidadoso em distinguir»]; *Matthiolus Senensis falso Plinium accusat* [«Mattioli, de Siena, acusa falsamente Plínio»]; *Matthiolus Senensis sibi ipsi contradicit* [«Mattioli, de Siena, contradiz-se a si mesmo»]; *Matthiolus Theophrastum inepte reprehendit* [«Mattioli critica ineptamente Teofrasto»].

Ou seja, vinte e oito pungentíssimos golpes no *ego* de alguém que parece se tinha em altíssima conta. E de facto a reacção não tarda em manifestar-se, pois em carta de 13 de julho de 1553, endereçada ao conhecido botânico e naturalista Ulisses Aldrovando, Mattioli afiança ao amigo que em breve verá impressa no final da próxima edição do seu *Dioscórides* latino uma carta apologética escrita contra um certo médico *marrano* Amato Lusitano, na qual o amigo a quem escreve verá, «assim como o mundo inteiro, o que ganham estas malignas criaturas que, movidas unicamente pela inveja, latem como cachorros.» (Fantuzzi, 1774, pp. 155-156). Dois meses depois, a 27 de setembro, em outra carta ao mesmo Aldrovandi, reitera o seu propósito de revidar muito em breve ao desacato perpetrado pelo português. As palavras ressumam um tão alto grau de auto-suficiência e ódio religioso e racial de que só a leitura no idioma original poderá dar a justa medida: *Al Lusitano (sia sicura V. S.) che non li mancherò punto, et spero che averà trovato il suo uomo: sebben per esser marrano, et disgratiato, et havermi provocato, non mi par che in modo alcuno se gli abbia aver rispetto*. (Fantuzzi, 1774, p. 153).

Seja como for, apesar da ameaça, a verdade é que a prometida *Apologia* só virá a publicar-se em 1558, pelos editores venezianos Vincentius Valgrisius e Balthasar Constantinus, quando Amato já se encontrava em Ragusa, a salvo,

portanto, da perseguição anti-semita que Paulo IV desencadeara nos Estados Papais, onde o nosso compatriota se fixara durante largos anos. Ora, a leitura dessa *Petri Andreae Matthioli, Senensis, serenissimi principis Ferdinandi, Archiducis Austriae etc, medici, Apologia aduersus Amathum Lusitanum. Cum censura in eiusdem Enarrationes* [«Defesa de Pietro Andrea Mattioli, de Siena, médico do sereníssimo príncipe Fernando, arquiduque de Áustria, etc., contra o português Amathus, com a crítica dos *Comentários* do mesmo»], habilitar-me-á a, usando de um critério literário e, em sentido lato, histórico-cultural, apontar uma (entre várias) das técnicas polemísticas de que Mattioli se serviu, com o desígnio de destruir como pessoa e sobretudo retirar qualquer credibilidade como cientista ao hebreu português Amato Lusitano. Refiro-me ao processo que consiste na detração e aniquilamento do opositor mediante a referência depreciativa à sua religião e, como consequência natural em se tratando da hebraica, à sua origem étnica. Antes de passar à apresentação de alguns exemplos, convirá registrar que, na nota marginal que acompanha a 1.^a das citações que se segue, Mattioli achou por bem consignar o seguinte esclarecimento étnico-lexical: *Lusitanus semiudaeus. Hispani tales Marranos uocant, quos maxime detestantur* [«O Lusitano é meio-judeu. Os hispânicos chamam a tais criaturas *marranos*, e têm-lhes grande ojeriza»]. Vejamos pois como opera o ódio religioso ao serviço da arrogância acadêmica melindrada:

Te caecum ea tantum ratione quod a Deo immortalis perfidissime desciscas. Etenim cum (ut audio) nunc nostrae religionis te ipsum facias, nunc Iudaicis legibus superstitionibusque te totum addicas et ita non solum in homines, sed in ipsum Deum Optimum Maximum insolescas, minime id est mirum si a te ipso quoque deficias et omni statu mentis dimouearis. Vt non // modo in te nulla uigeat pietas, nulla religio, uerum et in ipsa medica facultate, quam immerito proferis, plurimum caecutias. [ff. 48 v.º-49]. [«Estás cego unicamente por, com a maior das deslealdades, teres abandonado Deus imortal. É que, uma vez que (segundo oiço dizer), ora te finges seguidor da nossa religião, ora inteiramente te consagras às leis e superstições judaicas, e deste modo te ensoberbeces não só contra os homens, mas também contra Deus nosso Senhor, não é de espantar se também te afastas de ti mesmo e te apartas de toda a coerência mental. Para que, não // só falte em ti qualquer sentimento de respeito pelas coisas elevadas e qualquer religiosidade, mas também careças de vista na própria medicina, que indevidamente professas»];

quasi mecum de religione contendat, quam homo inconstans iampridem turpissime ac impudentissime deseruit. [f. 12 v.º] [«como se disputasse comigo sobre a religião,

que a inconstante criatura já há muito tempo de forma infame e impudentíssima abandonou»];

cum nostram et suam religionem omni flagitio polluerit, dedecore maculauerit, scelere obligauerit et eam tantum ob causam e sua exsulauerit Lusitania. [f. 14 v.º] [«a verdade é que manchou a nossa e sua religião com toda a espécie de ignomínias, a maculou com a infâmia e com o crime a comprometeu, e só por esse motivo foi proscrito do seu Portugal»]; *Equidem putabam haec non ignorasse Lusitanum, cum illum compertum habeam oriundum a locis quibusdam non procul ab Ascalone Iudaeae...* [f. 81 v.º] [«Ora, eu pensava que o Lusitano não desconhecia isto, pois descobri que ele é originário de certos lugares não longe de Ascalon⁵, na Judeia...»]; *magis Lusitanus lege percitus Mosaica quam ueritatis sustinendae.* [f. 70 v.º] [«o Lusitano, mais entusiasmado com a lei de Moisés do que com a verdade»].

Por último, sublinhamos o comentário francamente depreciativo de Mattioli sobre Beatriz de Luna⁶. Depois de ter citado as palavras de Amato, em que este, a propósito de um tratamento médico, se referira *quandam suae gentis mulierem, Beatricem a Luna uocatam* [«a uma certa dama da sua raça, chamada Beatriz de Luna»], Mattioli, refere-se a ela nos seguintes termos: *Nihil ad me attinet de illa, quam adducit, muliercula.* [f. 64] [«Nada tenho a ver no que tange a essa mulherzinha que ele alega».]

Vimos como, além de outros dos recursos retóricos que no século XVI eram usuais na polémica ideológica ou doutrinal (e que aqui não analisamos), Mattioli acrescentou, a um arsenal que já era riquíssimo, o apelo ao fanatismo religioso sob a forma do preconceito anti-semita. É porém para nós óbvio que o sentimento que mais genuinamente late na alma do sábio italiano e lhe motivou uma reação violentamente desabrida, de que só vimos uma pequena amostra, é o da vaidade académica elevada a um alto grau, que facilmente encara qualquer observação crítica como um atentado inadmissível contra o seu *ego*, desencadeando uma resposta agressiva que se serve de todos os argumentos, inclusive os da religião, numa disputa em que a matéria de que se tratava era a aparentemente neutra e objetiva classificação e caracterização das plantas.

⁵ Comentário feito a propósito das cebolas ascalónicas.

⁶ Mais conhecida como Grácia Naci, ou simplesmente «A Senhora», nos meios sefarditas quinhentistas. Na altura em que Mattioli publica a *Apologia*, Grácia já se encontrava a viver em Istambul há pelo menos cinco anos, e, dada a visibilidade que possuía nos meios financeiros europeus, que aliás já vinha dos anos em que vivera em Antuérpia e Itália, é de supor que este desconhecimento altaneiro de que o médico italiano aqui faz alarde seja fictício, e mais uma mostra da sua despeitada arrogância.

João de Madureira

Ocupar-me-ei agora de uma composição literária, no caso um poema, e de um autor em que o fanatismo nos surge de uma forma mais desembuçada e assumidamente como religioso, tanto na pessoa do autor como no título da composição, uma vez que aquele pertencia à Companhia de Jesus, e esta, no que tange ao título, não deixa dúvidas acerca do conteúdo: *De caede haereticorum a Carolo Gallorum rege edita* [«Da matança de hereges levada a cabo por Carlos, rei dos Franceses»]. Como facilmente se vê, trata-se da célebre Matança de S. Bartolomeu, sucedida em França no verão de 1572 e que despertou no católico Portugal ilimitado regozijo, de que ficou como testemunho um número razoável de composições literárias.⁷ No caso particular da poesia neolatina portuguesa, sobressai a série de composições poéticas que saíram do engenho dos estudantes e mestres dos colégios da Companhia de Jesus, e que podem ler-se manuscritos nos códices que recolhem parte da produção literária ali produzida. O lamiré pelo qual todas essas obras afinam pode aquilatar-se pela seguinte amostra, saída da pena do mais inspirado vate latino lusitano que envergou a roupeta inaciana, o escalabitano Manuel Pimenta, que assim se pronunciou em dísticos elegíacos

De caede haereticorum

*Gallorum proceres, quos funere acerbo
Mors fera, Tartareus sorbuit ore canis.
Mox ait interno labefacta corda dolore:
O mala quam stomacho nunc nocet esca meo!*

- 5 *Euomuit, uidentque animos squalere ueneno,
Et similem rauco protulit ore sonum:
“Cerbera, ad haereticum numquam tua guttura pandas,
Pallida perpetua sint licet ora fame.
Guttura ad haereticum numquam raserare memento,
10 *Acrius hic stomachum nam mouet helleboro.”**

⁷ Por exemplo, veja-se o Sermão «dirigido à vitória que se houve em França contra os hereges hugonotos», pregado em Lisboa, à Rainha, por Diogo de Paiva de Andrade, que pode ler-se nas pp. 525-531 da *Antologia* que fiz e traduzi de obras deste Autor, publicada pela Esfera do Caos, de Lisboa, em 2011.

[«Sobre a matança dos hereges

Aos grão-senhores franceses, que a crua morte arrebatou
 Com amargo passamento, tragou-os com sua goela o tartáreo cão.
 Logo de seguida, com as entranhas abaladas por íntima dor, diz:
Oh como a ruim pítança me faz agora mal ao estômago.⁸
 Revessou, e viu as almas cobertas de veneno,
 E com rouco soído proferiu estas palavras:
 “Ó Cérbero, nunca abras as tuas goelas a um herege.
 Ainda que o rosto sempre mostre a lividez da fome,⁹
 Lembra-te de nunca abrir as goelas para um herege,
 Pois ele remexe-te o estômago mais violentamente que o heléboro.»].¹⁰

João de Madureira, o autor de que agora falarei, é praticamente desconhecido como poeta latino, pela circunstância de nenhuma obra sua ter sido publicada, destino que lhe coube em comum com dezenas de confrades seus da Companhia de Jesus, alguns de elevados méritos literários, e que hoje (e refiro-me especialmente a nomes do século XVI) jazem nos códices escolásticos, em latim, guardados sobretudo na Biblioteca Nacional de Portugal, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e Biblioteca Pública de Évora, e nos quais os Jesuítas recolheram muitas das obras que se produziam nos seus principais Colégios e em diversas e especiais ocasiões (Festas da Rainha Santa, aniversário da morte D. João III, visitas de personalidades eminentes às escolas jesuíticas, canonização de santos etc.). É poeta de algum mérito e dele, tal como tenho feito com alguns confrades seus (alguns de nome sem ressonância, e outros não tanto) tenho coligido, transcrito e traduzido o espólio literário (poesias e orações ou discursos lauda-

⁸ Cf. Ovídio, *Amores* 2. 2. 19.

⁹ Cf. Virgílio, *Eneida* 3. 217-218.

¹⁰ F. 58 v.º do Códice CVIII/2-7 da Biblioteca Pública e Municipal de Évora. Preparei a edição crítica e tradução da poesia latina completa deste até hoje injustamente esquecido vate neolatino. Desta empresa ambiciosa, já saiu a público, em 2017, o volume primeiro, integrado na coleção *Portugaliae Monumenta Neolatina*, sob a chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra, e no qual recolhi e traduzi as composições que saíram impressas no ano de 1622, no volume *Poemata*, primeiro, e único publicado, de uma série de quatro tomos em que os jesuítas portugueses pretendiam recolher o espólio literário do seu confrade poeta, falecido em 1603.

tórios, sobretudo). Das composições que integram o seu breve espólio poético, ainda totalmente inédito, a de que irei ocupar-me é a mais longa.

Mas direi antes alguma coisa sobre este homem, hoje totalmente obscuro, e isto sem embargo de ter nascido numa das mais ilustres famílias portuenses do século XVI.¹¹ De facto, era filho de Henrique Nunes de Gouveia e de Dona Brites de Madureira e a sua família encontrava-se ligada por vínculos de grande amizade com o jesuíta Inácio de Azevedo, que viria a ser beatificado, e que é o mais conhecido dos chamados 40 Mártires do Brasil, assassinados pelo huguenote Jacques Soria, em julho de 1570, ao largo das Canárias, quando se dirigiam para o Brasil. Não é por acaso que consigno aqui este violentíssimo crime, como se verá.

João Madureira nasceu cerca de 1548, pois as fontes jesuíticas dizem-nos que entrou na Companhia em outubro de 1561, com treze anos, no Colégio de Coimbra. Desempenhou nesta corporação cargos de importância (reitor do Colégio de Santo Antão) e era muito respeitado por membros da alta nobreza e altas individualidades ligadas à governação do reino. Em 1601 foi nomeado pelo Geral jesuíta, Claudio Acquaviva, Visitador do Brasil, mas a urca em que seguia foi apresada por piratas ingleses pouco depois de sair de Lisboa, e ele transferido para a nau capitânia, tendo os hereges o propósito de levá-lo para a Inglaterra. A doença de que padecia agravou-se com o mau tempo, e morreu a bordo, no mar da Biscaia, a 5 de outubro do ano indicado.

O poema, de que já dei o truculento título, encontra-se no códice 993 da BGUC, todo ele vasto repositório de literatura escolástica jesuítica em latim, e consta de 666 versos, mais precisamente, de 333 dísticos elegíacos, tipo de metro a que o jovem poeta cingiu a sua longa composição, na qual, como o título já indica, pretendeu celebrar a conhecida matança, ou massacre (usando o galicismo consagrado) de S. Bartolomeu, ocorrido em Paris, para depois se espalhar a toda a França, a partir da madrugada de 24 de agosto de 1572,

¹¹ As informações que colhi sobre este Autor encontram-se nas obras seguintes de confrades seus: Baltasar Teles, *Crónica da Companhia de Jesu na Província de Portugal*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1645, 1.^a parte, p. 271, António Franco, *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Real Colégio de Jesus de Coimbra*, Évora, 1.^o tomo, 1719, pp. 718-729; id., *Annus Gloriosus*, Viena, sumptibus Joan. Mich. Christophori, 1720, pp. 571-574. Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana, sub nomine*, atribui-lhe a autoria de um *Poema heroicum in quo celebratur Martyrium V. P. Ignatii Azevedo et sociorum*, louvando-se nas afirmações, de resto vagas, do espanhol Alvaro Cienfuegos e do italiano Pietro Possino. Foram baldados todos os esforços que fiz para encontrar-lhe o rasto.

e que teve como vítimas a comunidade calvinista, encabeçada pelo aristocrata Almirante de Coligny, e, como indigitados, se não comprovados, promotores, o jovem rei Carlos IX e a sua vingativa mãe, a italiana Catarina de Médicis. O poema reflete acontecimentos muito frescos, pois recebeu seguramente a demão final entre 11 de fevereiro de 1573 e 26 de junho do mesmo ano, porquanto a certa altura o poeta alude, como a facto então ainda a decorrer, ao cerco de La Rochelle, sob o mando do irmão do rei, o duque de Anjou, aliás em breve ele também rei de França, como Henrique III (de 1574 a 1589): assédio que se concluiu sem resultado positivo naquela data ultimamente apontada, com a retirada de Henrique para cingir fugazmente a coroa da Polónia (entre 1574 e 1575).

Formalmente a composição dá por vezes a impressão de um embrechado ou manta de retalhos (centão, para usarmos o nome técnico), de versos ou partes de versos dos mais consagrados poetas da literatura clássica latina, com alguns assomos de originalidade, a qual, em boa verdade, reside em grande parte na capacidade do moço latinista em adaptar a um novo contexto os partos da musa dos velhos clássicos do Lácio. Lembre-se, de resto, que não se pedia então ao vate originalidade, no sentido em que nós hoje a entendemos, mas sobretudo dexteridade na capacidade de ajustar a novas situações o bem comum e repositório à livre disposição de todos que era o acervo da literatura greco-latina.

O poema *De caede* começa pintando o estado calamitoso da França e a triste situação dos franceses, mergulhados na impiedade e heresia. O rei Carlos IX lastima-se e pede aos céus a ajuda do seu antepassado S. Luís. Este aparece numa visão ao neto, que a ele se queixa das desgraças de toda a espécie que atormentam a França, que passou a desprezar a religião e o “itálico pai”. Traça-se um quadro negro, expressivo e longo da geral irreligião. Além disso, o próprio rei sente ameaçada a sua segurança pessoal e a sedição grassa por toda a parte, sendo a guerra civil facto consumado em algumas regiões. Conclui, dizendo à sombra do seu santo antepassado:

100 *Quis uires nescit abesse mihi?*
 Dic igitur tanti, quae sit medicina furoris
 Cunctaque consiliis peruia redde tuis.

[«Quem ignora que me falecem meios e recursos?
 Me ensina, pois, qual o remédio para tamanho desvario
 E com teus conselhos mostra como sair deste enleio.»] [f. 279 v.º].

S. Luís responde ao assustado descendente e, para esforçá-lo, profetiza os sucessos salvadores que irão seguir-se. A salvação contra os poderosos inimigos da fé e da ordem há de conseguir-se mediante o ardil, e a punição dos incréus será impiedosa:

*Inuicti bello, ludo uincentur inermi,
 Vinci qui nequeunt uiribus, arte cadent.
 Quique dies omnes reuocat mea festa per annos,
 Inferet ille dies arma cruenter eis.
 Nam tibi sollemni coniunges foedere regem*
 120 *In cuius reperit corde sepulcra fides,
 Indices uarios celebri certamine ludos,
 Praemia ueloci constituentur equo.*
 [280] *Ludorum totas uolitabit fama per urbes,
 Confluet ex uariis gens scelerata locis*
 125 *Totaque uesanae ueniet fiducia turbae
 Cum duce, qui terris, qui dominatur aquis.
 Hoc sceleri iurata manus stimulante parabit
 Regia sacrilego tradere sceptrum duci
 Mox illude nouis male cautas artibus artes*
 130 *Et te, qui studeant perdere, perde prius.
 Cerno duces scelerum tunc in sua fata uocatos
 Perfidiae poenas morte luisse suae.
 Artifices fraudum capientur fraudibus. Vna
 Nocte cadet uafro cum duce tota cohors*
 135 *Nudaque congestis ductorum corpora aceruis
 Stabunt per medias intumulata uias
 Mors non una satis, suspendet in aere caesos
 Furca duces, odit quos polus, horret humus.
 Cetera crudeli plebes mucrone peribit.*
 140 *Queis haec non fuerit mors satis, Orcus erit.
 Conspicies multo stagnantia compita tabo,
 Flumina de turpi caede cruenta fluent,
 Nulla salus, nullo reuocandum a pectore ferrum!
 Fac tamen excedat ne medicina modum.*
 145 *Non etenim princeps cuius mutabile pectus
 Nec sacra gestabunt qui crucis arma ruent:
 Scilicet, aeternae desertor legis amabit
 Tunc, quam sacrilego conspuat ore crucem.*

[«Tombarão graças a artificios os que não é possível vencer pela força.
 E aquele dia que recorda para sempre o meu dia festivo,¹²
 Aquele dia iniciará sangrentas hostilidades contra eles.
 De facto, por solene aliança unirás a ti o rei
 Em cujo coração a fé encontrou a sua sepultura.¹³
 Anunciarás festividades variegadas com competições públicas,¹⁴
 Estabelecer-se-ão prémios para o cavalo mais célere.

[280] Por todas as cidades há de esvoaçar a fama destes jogos,
 De diferentes lugares há de acudir a ímpia gente
 E a multidão tresloucada, totalmente confiante,
 Virá acompanhando o chefe que senhoreia a terra e as águas.¹⁵
 Por ele incitada, a mão apostada no crime¹⁶
 Aprestar-se-á para entregar o real cetro ao seu ímpio chefe.
 Logo logo, com desusados artificios malogra os ruins ardis,
 E antecipa-te em levar à perdição aqueles que se empenham em perder-te.
 Vejo os chefes da impiedade, chamados então pelo seu destino,
 Pagarem com a morte a pena devida por serem desleais.
 Os que urdiram os enganos cairão nas malhas dos enganos.
 Em uma única noite tomará todo o bando juntamente com o arceiro chefe
 E de seus sequazes os desnudos corpos ficarão amontoados
 E insepultos pelo meio dos caminhos.
 Não satisfeita com uma única morte,
 A força manterá suspensos no ar os já mortos chefes,
 Que o Céu odeia e a terra abomina.
 A restante plebe perecerá sob a cruel espada.
 Para aqueles para os quais esta morte não for bastante, sê-lo-á o Orco.

¹² A memória litúrgica de S. Luís celebra-se a 25 de agosto, dia imediato ao de S. Bartolomeu.

¹³ Henrique de Bourbon, rei de Navarra desde junho de 1572, cujo casamento com Margarida de Valois, irmã de Carlos IX, fora o motivo das festividades que irão servir de negaça para o rei e o partido católico colherem às mãos e ceifarem de um só golpe os cabecilhas do movimento calvinista, consoante sem reboços se afirma no texto. Como se sabe, Henrique de Bourbon cingirá a coroa francesa como Henrique IV, desde 1589 até ao seu assassinio, em 1610.

¹⁴ Cf. Ovídio, *Metamorfoses* 1. 446: *Instituit sacros celebri certamine ludos*.

¹⁵ Alusão ao Almirante Gaspar de Coligny, chefe do partido calvinista ou huguenote.

¹⁶ Cf. George Buchanan, *Psalmorum Davidis paraphrasis poetica [...] authore Georgio Buchananano*, apud Henricum Stephanum, [Genebra, 1566], p. 155: *En sceleri iurata manus coit omnis in unum*.

Verás encruzilhadas encharcadas com poças de apodrentado sangue,
 Os rios irão correr rubros depois da suja matança.
 Que não haja qualquer contemplação,
 Que a ninguém se dissuada do uso da violência!
 Todavia, procura fazer que o remédio não ultrapasse a justa medida.
 É certo que não hão de tombar
 Nem o príncipe de crença tornadiça¹⁷
 Nem os que hão fazer alardo das sacras armas da cruz:
 Mui claro é que o apóstata da verdadeira religião
 Amará então aquela cruz que cuspiu com boca sacrílega.» [ff. 279 v.º-280].

Segue-se a descrição dos preparativos da boda, com a qual o rei Carlos, casando a irmã com o chefe do bando inimigo, pretende atrair à capital francesa não só os maiores da seita calvinista, como o povo baixo que professava a religião anti-romana:

190 *Rex etenim placidum se fore pactus erat.
 Quo tamen operitura manus? Quo caeca nocentium
 Agmina? Quo tendit perfidiosa cohors?*

*Nescis, ah nescis quis te dolus urbe moretur.
 Sic hamus pisces, sic capit esca feras
 Qui te suspectis securam manibus infert.
 Hic te decipiet coniugialis honor.*
 195 *Non iterum tua tecta petes, non cara reuises
 Pignora, non patrios rursus arabis agros,
 Scilicet ultrici fies ludibria morti,
 Mucro metet corpus, furca sepulcra dabit.*

[«É que o rei comprometera-se a mostrar-se brando.
 Mas, para onde se encaminha a chusma com tenção de esconder-se?
 Para onde vão os dissimulados esquadrões de criminosos?
 Para onde se dirige a pérfida turbamulta?

¹⁷ Nova referência pouco simpática, que se repetirá dois versos abaixo, a Henrique de Bourbon.

Ignoras, ah ignoras que engano te espera na cidade.
 Como o anzol pega os peixes e o cevo as feras,
 Assim te logra quem, sendo-te suspeito, te estende mão amiga.
 Aqui serás embaído pelas festividades conjugais.
 Não regressarás ao teu lar, não reverás teus entes queridos,
 Nem de novo hás de arar o campo herdado,
 Pois serás joguete da morte vingadora,
 A espada ceifará teu corpo e a forca te oferecerá a tumba.»] [f. 280 v.º].

A apresentação das festividades que se celebram é de grande variedade, vivacidade e riqueza descritiva, com toques pitorescos ou facetos, como o seguinte cromo tauromáquico:

*Clauditur in caeco furibundus carcere taurus
 Bellaque pugnaci fronte [erecta] gerit.
 Sibila contemnit iactas palearibus hastasque
 Excutit infida spicula missa manu
 215 Solos (quis credat?) cornu petit [Vgon*]:
 Prouocat hos toruis in [fera] bella minis
 Prorumpitque alacer. Vocat huc, uocat impetus illuc;
 Cornua iam multo sparsa cruore rubent.*

*O bos, armenti quondam seruator opimi,
 220 O bos, cornigeri gloria prima geris!
 Nonnumquam uacuas agitasti cornibus auras,
 Impetus in uafros cum fuit ire canes.
 Vince igitur, quoniam, si caeco carcere pugnas,
 Impia deterior pectora carcer habet.*

[«Encerra-se feroz toiro em fechado cárcere;
 Move guerra com a combativa e erguida frente;
 Despreza as vaias e as farpas arremessadas contra a barbela.
 Sacode os dardos arrojados com trega mão.
 Com os chifres ataca (quem o pode crer?) apenas os Huguenotes:
 Com ferozes ameaças os desafia para a [feroz] luta
 E contra eles fogoso se arremessa.
 A fúria ora o impele para aqui, ora para acolá;
 Os chifres já se avermelham com o muito sangue derramado.

Ó boi, que um dia foste o guardião do vasto rebanho,
 Ó boi, que senhoreias com glória singular a cornígera grei!
 Por vezes removeste com os chifres o ar vazio,
 Ao sentires o ímpeto de arremeter¹⁸ contra os astutos cães.
 Vence, pois, porque, se pelejas em fechado cárcere,
 Cárcere mais ruim encerra os ímpios corações.» [f. 281].

Fortemente colorista e com toques de vívido realismo a descrição do torneio, em que participa o rei. No regresso, o chefe calvinista, Almirante de Coligny, é vítima na rua de um atentado à bala por parte de um agressor que foge: das três balas, só uma se perdeu:

*Dux rabiem nigroque premit sub felle dolorem.
 Effera praetumido corda furore quatit.
 Impie, saeue, ferox et auaro immanior Orco!*
 320 *Mors haec flagitiis non erat aequa tuis:
 Nempe rues alto praiceps de culmine, multos
 Quem constat uera praecipitasse fide.
 Sed tamen in furcam rursus tolleris, ut omnes
 Tollas impulsu qui cecidere tuo.*

325 *Ventum erat intectum. Subito crudele resumit
 Ingenium, caecus proditur ore furor.
 Accumulat sub corde scelus, meditatatur acerbum
 Exitium regi parturit ira nefas.*

[«O almirante ocultou sob a negra bile a raiva e a dor.
 O seu coração agita-se tomado de violenta sanha.¹⁹
 Ó ímpio, cruel, feroz e mais desumano do que o cioso Orco!
 Uma tal morte não era proporcionada às tuas infâmias:
 Pois serás precipitado de um lugar elevado,
 Tu que é certo que a muitos precipitaste da verdadeira fé.
 E de novo serás erguido na forca,²⁰
 Para ergueres todos que fizeste cair com as tuas instigações.

¹⁸ Cf. Ovídio, *Heroides* 5. 64: *et mihi per fluctus impetus ire fuit.*

¹⁹ Cf. Claudiano, *In Rufinum* 1. 225: *Effera praetumido quatiebat corda furore.*

²⁰ Em 25 de agosto os maltratados restos mortais do almirante Coligny foram suspensos pelos pés em Montfaucon, local onde se faziam as execuções públicas em Paris. Aí perma-

Regressa a casa. De repente, recupera o seu carácter cruel
 E faz sair pela boca a sua raiva cega.
 Aninha no peito intentos de crime, maquina a cruel morte do rei
 E, da ira levado, concebe uma ação abominável.»].

Durante a noite, o Almirante é visitado pelo espectro da impiedade, de cabelos desgrenhados, a quem ele trata por mãe, e a quem confessa que tem preparado um atentado contra a vida do rei, garantindo-lhe que o príncipe recém-casado levará à vitória a causa da Reforma protestante. Reúne os seus seguidores e com eles maquina o assassinio do rei. Este tem notícia do atentado que se prepara e convoca, a meio da noite, sua mãe e seu irmão Henrique, juntamente com os súbditos de confiança. Decide pôr expedito termo ao golpe de Estado prestes a eclodir:

*Tum rex: "Ite citi scelerumque reposcite poenas,
 O socii et regno fida ruente cohors.
 395 Ite citi: stolidos compescite caedibus ausus
 Et merita audaces sternite caede duces.
 Iam me designantque neci sceptrisque minantur.
 Ergo nocturnas accelerate uias.
 Fallite fallentes alta dum nocte nocentum
 400 Corpora Lethaeo messa sopore iacent."*

[«Disse então o rei: "Parti céleres e puni os crimes,
 Ó companheiros e fiel guarda da pátria que se arruína.
 Parti céleres: com a morte ponde termo a ensandecidos atrevimentos
 E aniquilai com merecida morte os audazes chefes.
 Já me destinam à morte e ameaçam o cetro.
 Por isso, dai-vos pressa pelos caminhos da noute.
 Enganai os que enganam,²¹ enquanto na profunda noute
 Os corpos dos criminosos jazem prostrados pelo sono do Letes.»] [f. 282 v.º].

neceu durante algum tempo, até que, durante uma noite e a furto, familiares seus lograram dali retirar e escapulir-se com o cadáver putrefacto. A 27 de outubro deste mesmo ano de 1572, após processo póstumo que o condenou pelo crime de lesa-majestade, foi de novo enforcado, mas desta vez em efígie.

²¹ Cf. Ovídio, *Ars amatoria* 1. 645: *Fallite fallentes*.

Obedecendo às ordens do irmão, o duque de Anjou dirige-se à casa de Coligny e sem contemplações o mata. Concluiremos com a cruel e desumana descrição da morte de Coligny e os comentários que suscita no jovem poeta jesuíta. Apesar de o poema ainda se alongar por mais cerca de duas centenas de versos, todos eles respiram o mesmo clima de ódio e impiedosa intolerância de que estes, embora seja inegável que literariamente muito bem conseguidos, são uma arrepiante amostra:

- Dixerat. Accinctus per opaca silentia noctis.
Regius intrepido milite frater abit.
Occupat inuisi funesta palatia monstri.
Sed leuis in primo limine pugna fuit.*
- 405 *Erumpit famulosque metu trepidare uideres.
Qui primis obstant aedibus. Ense cadunt.
Palluit ancipiti labefactus corda timore
Ductor, et attonito fugit ab ore color.
Quid faciat? – Pugnet? Manus utraque trunca negabat.*
- 410 *Effugiat? – Cinctum milite limen erat.
Incertus quid agat, subita se morte peremptum
Dissimulat, diram certus adesse necem:
Sic propero raptam simulat se funere uulpes,*
- [284] *Cum uitare nequit proxima fata fuga.*
- 415 *Non hac fraude tamen potuisti euadere: uulpi
Vtile non semper dissimulasse fuit.
Regia uisceribus proles ter condidit ense.
In gemino ruptum uulnere pectus hiat.
Addidit: “I, tristem regnis molire ruinam!
420 I, nunc, et caelo perfida bella moue!”
Ex ilis erumpens per apertos sanguis hiatus
Radit terna triplex unda cruoris iter:
Plumbea sic triplici uitata foramine longe
Fistulas stridentes eiaculatur aquas.*
- 425 *Felix ille nimis gladius, felicior illa
Dextra, nocens fluxit qua feruente cruor.
Mille manus coeunt: iuuat ora lacesere pugnis
Et formidatum cadere calce ducem.
Denique uiuus adhuc iacitur de culmine. Numquam*
- 430 *Saeuius aethereo fulmen ab axe ruit!*

- Effugiunt molemque putant procumbere tecti
 Qui uigili cingunt obsidione domum.
 Decidit in praeceps tellurem; pectore plangit;
 Fracta sub ingenti pondere crura sonant.*
- 435 *Accurrunt laceros defuncti corporis artus
 Et [tractis agitant ora cruenta comis].
 Rursus inexplato satiatur uulnere mucro
 Squalidaque effuso sanguine sordet humus.*
- Morte iaces merita ductorum pessime ductor,
 440 Quem tremuit domita bellica classis aqua.
 Morte iaces merita modicae telluris egenus,
 Gallica quem uiuum non capiebat humus.
 Quam tua uesanas terrebunt funera mentes!
 Quis pauor audita caede futurus erit!*
- 445 *Quae per te cecidit per te gens lapsa resurget.
 Viuent consiliis qui periere tuis.*
- [v.º] *Te duce, qui sacros didicerunt temnere diuos;
 Te duce, dediscent deseruisse Deum.
 Et tua mors magna clamabit uoce per orbem:*
- 450 *“Discite iustitiam, non temerare fidem.”*

[«Assim falou. Depois de se armar, o irmão do rei,
 Acompanhado de intrépidos soldados,
 Avança através da silente escuridão da noite.
 Apodera-se do sombrio palácio do odiado monstro.
 Mas houve ligeira escaramuça na entrada.
 Entrou arrebatadamente e era de ver-se tremerem de medo
 Os fâmulos que lhe impediam a passagem nas primeiras salas.
 Tombam acutilados pela sua espada.
 O almirante empalidece, com o coração abalado por redobrado receio,
 E a cor lhe foge do espantado rosto.
 Que fazer? Lutaria? – A tal se negavam ambas as mãos decepadas.
 Fugiria? – O palácio encontrava-se cercado de tropas.
 Indeciso acerca do que fazer, finge ter sido arrebatado por morte repentina,
 Certo de que está diante do seu terrível fim:
 Assim simula a zorra ter sido atingida por fulminante morte,
 [284] Quando não pode esquivar através da fuga o fim que se aproxima.

Todavia, com esta manha não pudeste escapar:
 Nem sempre à raposa aproveitou o fingimento.
 O filho de reis por três vezes lhe enterrou a espada nas entranhas.
 O peito abre-se, trespassado por dois golpes.
 E acrescentou: “Vai! Apronta agora a triste destruição da pátria!
 Vai, agora, e faz contra o céu pérfida guerra!”
 O sangue que jorra dos flancos pelas abertas feridas
 Apaga com três golfadas a tripla sanguinha trilha:
 Assim o cano de chumbo que se rompe em três orifícios
 Ao longe lança as águas pelas ruidosas saídas.²²
 Ditosa aquela espada, mais ditosa aquela destra,
 Que impetuosa fez correr o criminoso sangue.
 Mil mãos se ajuntam:²³ cumpre ferir com os punhos o rosto do temido chefe
 E derrubá-lo a pontapés.».]
 Ao cabo, ainda vivo o arremessam do alto.
 Jamais do alto céu se precipitou um raio mais cruel!
 Fogem, cuidando que desaba o teto em peso,
 Aqueles que montam vigilante cerco à casa.
 Cai precipitado; bate com o peito em terra;²⁴
 Retumba o som das pernas quebradas sob o imenso peso.
 Correm para os desconjuntados membros do corpo defunto
 E, [segurando-a pelos cabelos, agitam com desprezo a ensanguentada
 cabeça]. Mais uma vez a espada se farta na insaciável ferida
 E a manchada terra se ensujenta com o derramado sangue.

Jazes prostrado por uma merecida morte,
 Ó almirante mais ruim de todos os almirantes,
 Diante de quem nas subjugadas águas as esquadras tremeram.
 Jazes prostrado por merecida morte, privado de um exíguo pedaço de terra,
 Tu para quem, quando vivo, a terra francesa não era bastante.
 Que grão medo incutirá tua morte nos espíritos insensatos!

²² Cf. Ovídio, *Metamorfoses* 4. 120-4: *Nec mora: nec mora: feruenti moriens e uulneri traxit / Et iacuit resupinus humi: cruor emicat alte. / Non aliter quam cum uitiatto fistula plumbo, / Scinditur et tenues, stridente foramine, longe / Eiaculatur aquas: atque ictibus aera rumpit.*

²³ Cf. Ovídio, *Fastos* 4. 275: *mille manus coeunt.*

²⁴ Cf. Ovídio, *Fastos* 1. 577-8: *ille cadit mixtosque uomit cum sanguine fumos / et lato moriens pectore plangit humum.*

Que pavor há de espalhar-se ao saber-se da matança!
 Erguer-se-á de novo o povo que por tua culpa decaiu e por culpa tua
 tombou. Hão de viver os que sucumbiram por culpa dos teus conselhos:
 [v.º] Os que, tomando-te como exemplo, aprenderam a desprezar os santos;
 Os que, tomando-te como exemplo, hão de agora desaprender
 A ter-se afastado de Deus.
 E em alta voz a tua morte há de bradar através do mundo:
 “Aprende a não profanar a justiça e a fé.” [ff. 283 v.º-284 v.º].

Conclusão

Procurei mostrar, escolhendo autores e um idioma praticamente desconhecidos, de que forma o fanatismo, sob capa da religião, pode apresentar-se com um rosto literário ou científico, quando de facto, ao que me parece, as mais das vezes, sob o pretexto de um motivo nobre, como pode ser a crença religiosa, serve como uma espécie de substituto ou sucedâneo de sentimentos talvez publicamente inconfessáveis, como seriam, no caso de Mattioli, a vaidade e soberba académicas, e, no de João de Madureira, o recalçado ódio e desejo de revindicta contra os assassinos de um grande amigo, o Padre Inácio de Azevedo, vítima do corsário calvinista Jacques Soria.

Referências bibliográficas

- BUCHANAN, George (1566). *Psalmorum Daudidis Paraphrasis Poetica* [...] *authore Georgio Buchanano*. Genebra: apud Henricum Stephanum.
- FANTUZZI, Giovanni (1774). *Memorie della Vita d’Ulisse Aldrovandi*. Bolonha: per le Stampe di Lelio della Volpe.
- FRANCO, António (1719). *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Colégio de Jesus de Coimbra*. Évora.
- FRANCO, António (1720). *Annus Gloriosus*. Viena: sumptibus Joan. Mich. Christophori.
- MACHADO, Antonio (1958). *Poesias Completas*. Buenos Aires: Editorial Losada.
- MACHADO, Manuel (1938). *Horas de Oro. Devocionario Poético*. Valladolid: Ediciones Reconquista.
- PINTO, António Guimarães (2013). «Ciência e Preconceito: o ataque de Pietro Andrea Mattioli a Amato Lusitano», *Humanitas*, 65, pp. 161-186.
- TELES, Baltasar (1645). *Crónica da Companhia de Jesu na Província de Portugal*. Lisboa: Paulo Craesbeeck.

TÍTULO: Literatura e fanatismo religioso

RESUMO: Escolheram-se dois autores do século XVI, que escreveram em latim, como exemplos da forma como a religião pode condicionar a abordagem dos temas e servir como sucedâneo de inconfessáveis sentimentos de orgulho ferido ou revindicta pessoal. No caso do médico e botânico italiano Pietro Andrea Mattioli selecionaram-se passagens da *Apologia aduersus Amathum Lusitanum* (1558), de evidente ressaibo anti-semita. Quanto ao jesuíta João de Madureira, a escolha incidiu sobre excertos de um poema anti-protestante, escrito a pretexto e imediatamente após a Matança de S. Bartolomeu (1572).

TITLE: Literature and Religious Fanaticism

ABSTRACT: In this article we aim at demonstrating how religion can determine the approach of different matters and serve as an ersatz of embarrassing wounded pride feelings or personal revenge. Thus, we choose two authors, writing in Latin and both belonging to 16th century Catholic Europe: the Italian botanist and doctor Pietro Andrea Mattioli, and the Portuguese young Jesuit João de Madureira. We provide a few examples of the anti-Semitic attitude of the first, extracted from his *Apologia aduersus Amathum Lusitanum* (1558); and, in the case of Madureira, our textual evidence is extracted from a long poem about the S. Bartholomew's Day massacre (1572).